

RETRATO DA FIGURA FEMININA E A OPRESSÃO NOS CONTOS "FELICIDADE CLANDESTINA" DE CLARICE LISPECTOR E "NEGRINHA" DE MONTEIRO LOBATO

PORTRAYAL OF THE FEMALE FIGURE AND OPPRESSION IN THE SHORT STORIES "FELICIDADE CLANDESTINA" BY CLARICE LISPECTOR AND "NEGRINHA" BY MONTEIRO LOBATO

Recebido: 24/04/2024 Aprovado: 10/06/2024 Publicado: 31/07/2024
DOI: 10.18817/rlj.v8i2.3321

Danielly dos Anjos Gomes¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5184-0435>

Moisés Monteiro de Melo Neto²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1186-7334>

Resumo: Este estudo comparativo tem como objetivo analisar os contos "Felicidade clandestina" de Clarice Lispector e "Negrinha" de Monteiro Lobato, explorando as figuras femininas, a crueldade e a opressão presente em ambos os contos. Nestas obras, as duas protagonistas meninas, vivenciam a opressão e as atrocidades das antagonistas que são capazes de realizar boas ações desde que estas lhe permitam o exercício de seu prazer. Para tal investigação, o referencial teórico que ampara esta pesquisa se pauta nos postulados de Moisés Gancho (2004), Rodrigues (2014), juntamente com os trabalhos da estudiosa Nitrini (2000), Gotlib (1995) e outros pesquisadores, que em suas obras retratam o contexto social-histórico da época assim como as características presente nas personagens.

Palavras-Chave: Conto; Opressão; Crueldade; Estudo comparativo.

Abstract: This comparative study aims to analyze the short stories "Felicidade Clandestina" by Clarice Lispector and "Negrinha" by Monteiro Lobato, exploring the female figures, cruelty, and oppression present in both tales. In these works, the two young protagonists experience oppression and atrocities from the antagonists who are capable of performing good actions as long as they allow them to exercise their pleasure. For this investigation, the theoretical framework that supports this research is based on the postulates of Moisés Gancho (2004), Rodrigues (2014), along with the works of the scholar Nitrini (2000), Gotlib (1995), and other researchers, who in their writings portray the socio-historical context of the time as well as the characteristics present in the characters.

Keywords: Short story; Oppression; Cruelty; Comparative study.

¹ Graduanda do curso de Letras/Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Participou como aluna bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2020-2022). Atuou como voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (2022-2023). Atualmente é bolsista no Programa Residência Pedagógica - RP da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e membro do Grupo de Pesquisas de Textos Acadêmicos - GTPA e do Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua (GEEAL/UNEAL/CAMPUS III), da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: daniellyanjos.gomes@gmail.com

² Moisés Monteiro de Melo Neto possui graduação em Letras (1992), mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2011). É professor da UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas) e da UPE (Universidade Estadual de Pernambuco). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, nas seguintes Áreas: Dramaturgia, Literatura Comparada, Estudos Culturais, Produção Textual, Literaturas em Língua Portuguesa, Cordel, Literatura Indígena, Representações dos Gêneros na Literatura, Bioficção, Literatura e História, Literatura e Cinema. E-mail: moisesmonteiro@uneal.edu.br

Introdução

A narrativa de *Felicidade Clandestina* apresenta uma menina que tem um gosto especial pela leitura, e esta recorda o seguinte episódio de seu tempo de infância, no Recife: uma garota, cujo pai era dono de livraria, comentou certa ocasião que possuía o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Tratava-se de um dos objetos de desejo da protagonista que o pediu emprestado. A dona do livro se comprometeu a fazê-lo, mas, por dias seguidos, adiava a entrega para o dia seguinte através de diversas justificativas, exerce uma espécie de “tortura chinesa” ao adiar o encontro do livro com a menina.

Essa tortura durou muito tempo. Até que, certo dia, ao acaso, a mãe dessa colega toma conhecimento da atitude cruel da filha, e então permite o empréstimo do livro à menina, pelo tempo que quisesse. Por fim, extasiada, a jovem saboreia vagarosa e prazerosamente as páginas do desejado livro, usufruindo de uma felicidade até então adiada, através do livro e de sua leitura.

Negrinha é um conto escrito por Monteiro Lobato, e retrata a vida de uma menina negra, órfã, chamada Negrinha, que é criada por uma família branca e rica em uma fazenda do interior. Negrinha sofre com a rejeição e a negligência por parte da família, que a trata com indiferença e crueldade. Ela é obrigada a trabalhar exaustivamente, sempre submissa e invisível, realizando tarefas domésticas e servis sem receber qualquer afeto ou reconhecimento em troca. A sua vida é marcada pela solidão e pelo isolamento social, já que é ignorada pelos demais membros da casa e pelas crianças brancas da fazenda, que a menosprezam e a tratam com desdém.

Este estudo comparativo tem o propósito de analisar os contos *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, e *Negrinha*, de Monteiro Lobato, explorando as figuras femininas, a crueldade e a opressão presente em ambos os contos. Dessa forma, busca-se explorar como os autores retratam a condição feminina, destacando os aspectos dolorosos da vida das protagonistas, suas experiências de desigualdade e as formas de opressão que enfrentam. O referencial teórico que embasa esta pesquisa se fundamenta nos postulados de diversos autores. Dentre eles, destacam-se Carvalhal (2006), Gancho (2004), Rodrigues (1991), além dos trabalhos da estudiosa Nitri (2000) e dos pesquisadores Gotlib (1995).

Literatura comparada

A literatura comparada, investiga o contexto histórico-social de uma obra (literária, filosófica, cinematográfica, teatral), comparando-a com outras obras e autores. Sendo assim, além de comparar textos literários, a literatura comparada possibilita comparar um texto literário com outros segmentos do conhecimento, sejam eles artísticos ou não. Nesse cenário, o processo de comparação está presente em qualquer trabalho interpretativo, relacionando-os com seus autores.

O trabalho comparatista não se deve limitar a relacionar textos, uma vez que a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra. A revelação e a difusão de ideias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social. A cronologia é importante na medida em que situa devidamente as aproximações, eliminando-as se forem falsas. (Nitrini, 2000, p. 32)

A literatura comparada não deve limitar-se apenas à análise da obra ou texto em si, mas deve levar em consideração o contexto histórico vivenciado pelo autor, à medida que isso influenciará na sua produção literária. Assim “[...] a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações.” (Carvalho, 2006, p. 48). Correlações essas envoltas no contexto sócio histórico e cultural da época.

Nessa perspectiva, a análise comparativa deste estudo busca focar as principais semelhanças e diferenças existentes no conto de Monteiro Lobato, *Negrinha* e de Clarice Lispector, *Felicidade Clandestina*. Embora escritos em épocas e contextos históricos diferentes, trazem a figura feminina enquanto protagonistas e personagens de ambas as obras. Em *Negrinha* há explícito diversas formas de opressão, preconceito e discriminação submetidos à menina órfã. O tempo cronológico a qual se passa o conto remete ao Brasil pós-escravidão, ou melhor, ao início da abolição no país, expressando justamente o contexto histórico-social a qual a narrativa e personagens estão inseridos. Os maus tratos, as agressões, as torturas físicas e psicológicas acometidas contra a menina ajudam a compor o cenário emotivo e real do conto.

Em *Felicidade clandestina* observa-se um contexto histórico completamente diferente, neste conto a personagem protagonista, também feminina, presencia uma forma de opressão implícita, condicionada por sua vontade incondicional pela leitura. Trata-se de um conto que busca exteriorizar as emoções e sentimentos da personagem à medida que a narrativa se desenvolve, não há diálogos, mas

pensamentos expostos pela protagonista e/ou narradora. Dessa forma, embora sejam obras literárias diferentes, condicionadas em épocas distintas, trazem a figura feminina enquanto protagonista.

Características das personagens

A personagem principal do conto de Monteiro Lobato é Negrinha, a criança é apresentada como “[...] uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados” (Lobato, 2008, p. 09). Estas características revelam não só seus aspectos físicos, mas também sua condição social e seu constante estado psicológico. O narrador demonstra que ela não é considerada um ser humano pelos demais, mas sim um objeto, um animal que não possui alma e precisa ser domesticado. Dona Inácia, personagem antagonista, a dona da fazenda, é vista como uma cidadã exemplar, caracteriza-se por seu status e suas falsas virtudes, pois é caridosa e religiosa assídua. Em contrapartida ela não reconhece a criança como um ser humano, é opressora, e agride-a de todas as formas, além de xingá-la de “pestinha”, “mosca-morta”, “diabo”, “coisa-ruim” e “lixo”.

Negrinha, até então a única criança da casa, passa a conviver com duas sobrinhas de Dona Inácia. As duas crianças representam a aristocracia, já que são descritas como louras, ricas e possuidoras de brinquedos caros. Elas assemelham-se à Negrinha em alguns aspectos, pois são garotas apresentadas apenas por seus atributos físicos. Todavia, as sobrinhas comportam-se conforme as normas de uma época e de uma classe social: “Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade. – Como é boba! disseram. E você como se chama? – Negrinha. As meninas novamente torceram-se de riso [...]” (Lobato, 2008, p. 17).

As personagens do conto *Felicidade Clandestina* não são nomeadas. Pode-se observar a menina que deseja ler *Reinações de Narizinho*, sua amiga que delonga o empréstimo do livro e a mãe desta última, a qual descobre o caráter da filha e empresta, enfim, o livro à personagem principal. A protagonista e a antagonista são personagens que se estabelecem por diferenças psicológicas e sociais, visto que, a primeira é descrita segundo a autora como “[...] imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres” (Lispector, 2021, p.7). Como também era humilde, sem muitas condições financeiras, mas gostava muito de ler. As características que representam a protagonista seriam a paciência, a resignação, a humildade.

Essas condições são apropriadas para a protagonista submeter-se às humilhações da filha do livreiro, uma menina com aparências físicas e psicológicas incompatíveis com as do grupo. O narrador-personagem utiliza-se de características físicas destoantes do padrão de beleza: “Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas éramos achatadas” (Lispector, 2021, p.7). As particularidades da antagonista seriam a perversidade, a mesquinhez e o sadismo diante de um desejo alheio.

Contexto histórico das obras

A maioria dos contos da obra *Felicidade Clandestina* tematizam aspectos da infância, adolescência de Clarice Lispector, a pesquisadora Nádia Battella Gotlib (1995, p. 78), se refere a eles: “contos da memória da infância no Recife”, são passados entre o Recife e o Rio de Janeiro, entre os anos de 1950 e 1960, como podemos observar no trecho: "Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas".

O conto *Negrinha* foi escrito no século XX, em uma sociedade ainda marcada por ideias vindas do período escravocrata, o Brasil ainda vivia a transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Dessa forma o contexto da narrativa está inserido no período pós-Abolição, como se pode inferir no trecho: “Nascera na senzala, de mãe escrava” (Lobato, 2008, p. 10). Mais à diante, o autor recorda o tempo sem explicitá-lo: “Nunca se habituara ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia [...]. O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague” (Lobato, 2008, p. 11). Talvez seja mais uma denúncia subconsciente do autor, de que preconceito e racismo não têm tempo, são atemporais.

Foco narrativo

O foco narrativo caracteriza o ponto de vista do narrador ao narrar uma história, explana os acontecimentos narrados, e supõe a questionar “quem narra?”, “como?”, “de que ângulo”. De acordo com Gancho (2004) não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturado da história. Desta maneira, o narrador pode estar na primeira pessoa, como o narrador que é personagem protagonista em que a história é focada nele, ou narrador testemunha que conta a história sobre alguém. Ou estar na terceira pessoa, o qual o narrador não se localiza na história.

O conto *Negrinha* é narrado em terceira pessoa, é um narrador onisciente, ou seja, tem conhecimento de toda história que conta, mas não faz parte da história. Apresenta discurso irônico com o intuito de expor problemas sociais presentes no contexto que os personagens estão inseridos. “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fôra senhora de escravos [...]”. (Lobato, 2008, p. 12).

O conto *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector é narrado na primeira pessoa, é uma personagem protagonista que se destaca na história. Tal narrativa apresenta uma conversa com o leitor durante o conto “Entendem? Valia mais do que me dar o livro: ‘pelo tempo que eu quisesse’ é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer. Como contar o que se seguiu?” (Lispector, 2021, p.9). A protagonista também expõe características físicas, psicológicas e morais da antagonista no início do conto, permitindo que o leitor se entusiasme e interprete o conto.

O sadismo das figuras femininas

O enredo dos contos desenvolve-se apontando nuances da personalidade perversa das antagonistas, que são capazes de realizar boas ações desde que estas lhe permitam o exercício de seu prazer. Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças, o conto apresenta vários trechos nos quais ela desfruta do prazer em fazer Negrinha sofrer, como: "de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo" e "gozando-se na prelibação da tortura".

Fato que a aproxima dos escritos de Lispector (2021) ao mostrar o caráter sádico da filha do dono da livraria, como pode-se observar nos fragmentos: "Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia." (Lispector, 2021, p.7) e “até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa" (Lispector, 2021, p.8).

O sentimento de estar submisso ao outro, sujeito a seu poder, e, principalmente, o fato de serem personagens crianças, com certeza remete à infância e obriga o leitor a refletir conceitos e expectativas sobre essa fase. Essa característica faz o leitor rever alguns momentos da vida em que se sentiu e sofreu situações

parecidas. Lispector (2021) mostra-se hábil artesã, ao tecer um enredo que apetece ao mesmo tempo em que machuca: a história da garota pobre, que não pode comprar livros, e sua completa submissão à perversidade da outra criança, que se diverte com seu desejo ostensivo de ler um determinado livro, comove e revolta.

Momento de epifania das personagens

Ambos os autores fazem as personagens viverem o momento chamado de “epifania”, ou seja, a revelação do mundo e seu esplendor que é capaz de transformar a perspectiva destes. Subitamente, diante de um pequeno acontecimento, as personagens se descobrem e enxergam uma realidade mais profunda, o ápice de suas existências, dessa forma tais criaturas sucumbem. Sobre o termo “epifania”, os autores esclarecem:

Aplicado à literatura, o termo significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve a personagem. (Sant’anna; Colasanti, 2013, pp. 88-89)

A menina que se torna “amante” do livro é um exemplo dessa situação, ao receber o livro em suas mãos ao invés de correr e pular, como fazia rotineiramente, ela imprime um passo vagaroso, arrastado, na tentativa de expandir a sensação de prazer e perdurá-la no tempo. Ela fica “estonteada”, e seu “peito estava quente, meu coração pensativo”. O desejo tinha que ser vivenciado devagar, degustado, recitado, soletrado.

Elemento que também favorece a comparação com Negrinha, que desconhece o riso e a graça da existência durante anos, sentada ao pé da patroa desumana, das criaturas perversas, nos cantos da casa, e recebe a condição de bicho que suportava bofetadas e palavrões, a partir do momento em que a boneca aparece, sua vida muda. O trecho que evidencia essa descoberta é: “Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia que tinha uma alma. (...) Sentiu-se enlevada à altura de ente humano” (Lobato, 2008, p. 22). É a epifania que acontece, expondo-lhe o mundo da diversão e das brincadeiras infantis das quais Negrinha poderia fazer parte, se não houvesse a

perversidade das outras pessoas. Não demorou muito tempo e a menina adoeceu e morreu, preferindo ausentar-se do mundo a continuar seus dias sem esperança. Como está no texto: “essa consciência a matou” (Lobato, 2008, p. 25). Ela sabia que não viveria momentos alegres e tinha certeza do quanto a sua vida foi infeliz.

Conceito de felicidade

A felicidade, para a personagem protagonista de *Felicidade Clandestina*, está contida no simples prazer de possuir o livro. Apesar de ser uma felicidade passageira ou ilegal, a busca por essa felicidade caracteriza o motivo da narração. Segundo as palavras dessa personagem: “A felicidade sempre iria ser clandestina para mim” (Lispector, 2021, p.10). Ela descreve a felicidade como clandestina devido à emoção que sente ao receber um objeto que, de fato, nunca seria seu, mas que lhe “embriagava” a alma.

No conto *Felicidade Clandestina*, a autora transpõe para a personagem principal a paixão pela leitura e, por outro lado, mostra a desvalorização, praticada pela personagem antagonista que, mesmo tendo fácil acesso à literatura, não desfruta desse sentimento. Percebe-se claramente essa situação no seguinte trecho: “Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. Pouco aproveitava” (Lispector, 2021, p.7). Observa-se também uma alusão a Monteiro Lobato, que escreveu e estimulou a literatura infantil. O livro citado no conto e tão cobiçado pela personagem principal é um livro de sua autoria: *As Reinações de Narizinho*.

Ao pegar a boneca de louça em suas mãos, Negrinha parece adentrar no paraíso, e sente uma felicidade nunca experimentada antes: “Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem.” “[...] e tão grande a força irradiante da felicidade desta”. Segundo Rodrigues (2014), para Negrinha a boneca é a representação da igualdade, da liberdade e da humanidade. Assim como Lobato afirma: “Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo”. (Lobato, 2008, p. 19)

O sadismo da figura feminina

Outra dimensão presente no conto de Clarice Lispector que o diferencia do conto *Negrinha*, é a erótica, a exemplo da passagem: “Não era mais uma menina com

um livro: era uma mulher com o seu amante”. Como diz Scorsolini-Comin (2019, p.10) “o livro, alvo do desejo da menina, é alçado como uma figura proibida a qual ela só poderia ter acesso de modo clandestino, às escondidas, sem que ninguém soubesse”. O modo da protagonista se relacionar com esse objeto, com esse desejo, era essencialmente secreto, de forma que ela só compartilharia com o leitor do conto. Percebe-se, assim, o erotismo desde a infância, que não está ligado a uma objetificação ou prática sexual, mas sim de um encontro erótico, uma experiência prazerosa. O prazer da leitura, de possuir o livro, funciona de modo erotizado no conto (Gotlib, 1995).

Opressão e preconceito

No conto de Monteiro Lobato, Negrinha está inserida num contexto social desigual e preconceituoso, cuja condição de vida é definida pela cor da sua pele. Dona Inácia, sua “tutora” dona da fazenda, representa a própria submissão, à medida que usa a menina como forma de transbordar sua raiva. “Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa então, com uma colher, tirou da água ‘pulando’ o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse (Lobato, 2008, p.14)”.

Dona Inácia (rica, branca, gorda, “dona do mundo” e adulta) e Negrinha (pobre, negra, magra, criança e “atrofiada”) estabelecem um dos núcleos centrais do conto, a opressão e o preconceito, demonstrada através das diversas agressões e torturas psicológicas e físicas exercidas por sua “tutora”. A não identidade da menina expressa a ausência de consciência da mesma enquanto criança, já que era tratada como objeto ou animal, e não como ser humano. Sua infância se resumiu a horas incontáveis de sofrimento, receio e dor, desfrutando de alguns momentos prazerosos após as férias das sobrinhas de Dona Inácia na fazenda.

O preconceito é descrito na obra como algo recorrente na vida da protagonista. Envolto no contexto social da época, Negrinha é vítima de falas e abusos de cunho racial, “Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo - não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam” (Lobato, 2008, p.10-11). Mesmo diante da abolição, a senhora mantém a menina sob seus cuidados opressores, como forma de insatisfação contra os movimentos liberalistas da época.

Já no conto *Felicidade Clandestina* a opressão é representada a partir das ações e atitudes tomadas pela filha do dono da livraria. Essas ações são refletidas na forma como a personagem protagonista é tratada, apaixonada por livros, diversas vezes dirige-se a casa do dono da livraria em busca do livro que sua filha prometeu, mas não obtém êxito. A situação só muda quando em um certo dia a esposa do dono da livraria, indignada com as diversas idas vindas da menina, resolve questioná-la:

“Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!” (Lispector, 2021, p.7).

Ao explicar as circunstâncias a mulher obriga a filha a emprestar o tão sonhado livro à menina, que volta para o sobrado transbordando de alegria. O que se observa no conto *Felicidade clandestina*, ao contrário do conto *Negrinha* é um contexto voltado para a conjuntura social, a protagonista pobre anseia em desfrutar da leitura. Ao passo que a filha do dono da livraria rica tendo em mãos todos os livros que qualquer criança gostaria de ter, não valorizava aquilo que a pobre menina tanto sonhava em ter.

Considerações finais

Neste trabalho buscou-se analisar as narrativas *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector e *Negrinha* de Monteiro Lobato, partindo do pressuposto de que a obra literária toca o mais profundo do ser humano. Clarice Lispector e sua personagem buscam a felicidade, assim como a criança de Monteiro Lobato, a alegria depois de várias frustrações, é o que a realidade impõe no cotidiano de ambas personagens. No conto *Negrinha*, a antagonista fez da criança um objeto, através da violência, da tortura, da criação de estereótipos, impedindo desse modo que ela sentisse qualquer sentimento positivo, de contentamento.

A partir da análise comparativa desses contos, percebe-se como a as protagonistas tiveram fins diferentes após seu momento de epifania, Negrinha conseguiu deixar de se ver como uma coisa e enfim se enxergou como um sujeito, por isso, decidiu que não suportava mais viver como um objeto e em consequência disso perdeu a vontade de viver. Já a personagem de *Felicidade clandestina* termina a trama

com um nível maior de consciência e alcança, enfim, seu objeto de prazer e o tem pelo tempo que quiser.

Embora tais contos retratem a infância e as personagens sejam crianças, a leitura não é recomendada para o público infantil, tendo em vista os temas recorrentes como humilhações e palavras de insulto. A literatura pode ser um meio eficaz para transmitir conhecimentos e momentos prazerosos diante de vivências que despertam angústia e a dor, pois a felicidade está em todos os momentos e acontecimentos simples da vida, seja em um livro, ou em uma boneca, e sendo clandestina ou não, ela deve ser desfrutada porque viver é uma dádiva.

Referências

Carvalho. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006

Lispector, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Prumo, 2021.

Lobato, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008.

Gancho, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2004.

Gotlib, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. (6ª ed. rev. aum.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Nitrini, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e prática*. São Paulo: Edusp, 2000.

Rodrigues, Sergio Manoel. *Literatura, opressão e preconceito: uma análise do conto Negrinha, de Monteiro Lobato*. *Matter-Revista Acadêmica da UNIBR*, v. 1, p. 1, 2014.

Sant'anna, Affonso Romano de & COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2013.

Scorsolini-Comin, Fabio. *A infância clandestina em Clarice Lispector*. *Revista do SELL*, v. 8, n. 2, p. 185-203, 2019.